

IRONIA E TEXTUALIDADE*IRONY AND TEXTUALITY**Mônica Magalhães Cavalcante¹**Mariza Angélica Paiva Brito²***RESUMO**

A ironia sempre despertou interesse e debate em diversas áreas do conhecimento. No campo da linguística, estudiosos têm se dedicado a compreender e analisar as características e funções da ironia como uma forma peculiar de comunicação. A natureza paradoxal da ironia desafia abordagens convencionais, demandando uma investigação aprofundada em diversas áreas. Na análise dialógica de discursos, Brait (2008) a considera como parte de um cruzamento de vozes, destacando a intertextualidade. Este trabalho adota a perspectiva de Linda Hutcheon (2000), que, embora focada na crítica literária, integra a ironia ao contexto sociocultural. O objetivo é discutir a ironia não apenas por suas marcas linguísticas, mas como fenômeno textual-interacional e discursivo, analisando todo o circuito comunicativo. A abordagem privilegia uma visão descritiva e interpretativa, argumentando que a ironia deve ser compreendida dentro da “cena” em que ocorre. Hutcheon (2000) destaca que a ironia é parte de um processo comunicativo, enfatizando a importância de considerá-la nas relações entre intenções e interpretações. Os critérios propostos pela autora, como aresta crítica, complexidade referencial, intencionalidade atribuída, contrato comunicativo e marcadores de intertextualidade, são redefinidos nesta abordagem. O exemplar utilizado para análise foi extraído de postagens em redes sociais, representando diversos gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia. Sarcasmo. Intencionalidade atribuída. Aresta. Contexto.

ABSTRACT

This article delves into the intriguing realm of irony, a distinctive form of communication that has sparked interest and debates across various fields. Linguistic scholars have dedicated themselves to understanding the paradoxical nature of irony, challenging traditional linguistic approaches and prompting in-depth investigations within specific areas of study. Brait's (2008) dialogical analysis emphasizes the interplay of discourses, intersecting with intertextual phenomena. Prioritizing Linda Hutcheon's (2000) perspective, the article focuses on integrating irony within the sociocultural context, emphasizing intertextual aspects. The objective is to discuss irony not merely as a linguistic phenomenon but as a complex interplay of textual, interactional, and discursive elements. Approaching irony under the condition of sarcasm, the study advocates for a linguistically-textual analysis that respects the entire communicative scene. Linda Hutcheon's criteria, such as critical edge, referential complexity, ascribed intentionality, communicative contract, and intertextual markers, are redefined for this purpose. In conclusion, the study aims to demonstrate that irony necessitates a comprehensive understanding within the linguistic-textual circuit, avoiding reductionism and emphasizing its role within the broader context of communication.

KEYWORDS: Irony. Sarcasm. Ascribed intentionality. Critical edge. Context.

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC), monicamc02@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>.

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), marizabrito02@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5375-5480>.

Este artigo marca uma das últimas publicações compartilhadas com a professora Mônica, minha companheira e interlocutora neste campo de estudos. Sua dedicação incansável e seriedade na pesquisa em Linguística Textual continuarão a inspirar e a influenciar estudantes e acadêmicos ao longo dos anos. A professora Mônica não apenas nos presenteou com suas pesquisas inovadoras, mas também nos cativou com sua gentileza, sabedoria e generosidade. Suas aulas envolventes e sua paixão pela pesquisa deixam uma marca duradoura em nossas vidas. Que possamos seguir adiante, honrando o compromisso da professora Mônica com a excelência acadêmica e a busca pelo avanço na área. Seu legado continuará vivo através de nosso trabalho contínuo e dedicado.

1. Introdução

Este artigo advoga em favor da tese de que a análise da ironia, numa perspectiva linguístico-textual, tem em conta aspectos atinentes ao circuito comunicativo em que o ato irônico tem lugar, como a projeção de intencionalidade feita por quem interpreta esse ato, o reconhecimento de uma aresta crítica, como pleiteia Hutcheon (2000), a consideração de dados pré-discursivos fundamentais para a contextualização das inferências, a identificação de não coincidências do dizer na duplicidade de sentidos expressa na construção referencial de uma oposição e as marcações tecnolinguageiras desse contraste de pontos de vista.

No tratamento analítico de um texto, a linguística textual incorpora diversos aspectos que contribuem para sua coerência em contexto. Esses elementos estão entrelaçados em diferentes dimensões e dependem das condições discursivas estabelecidas por meio de um contrato social presumido e de um circuito comunicativo, no qual os participantes desempenham papéis sociais reconhecíveis (Charaudeau, 2019).

O cenário que se desenvolve no texto não se limita à situação comunicativa imediata, mas abarca também as expectativas, a compreensão mútua entre as partes, a relevância e as condições históricas e sociais que moldam os atos de linguagem. Assim, forma-se uma unidade de sentido em contexto, conforme Cavalcante *et al.* (2022).

Essa interligação entre texto e contexto reforça a ideia de que o texto não é apenas uma sequência física e acabada de palavras, mas sim um evento que incorpora todo o contexto social e histórico necessário para que os participantes negociem significados e comuniquem-se efetivamente. Autores como Marcuschi (2008), Koch (2007), Fávero (2009) e Costa Val (2004), amplamente demonstraram que um texto deve fazer sentido dentro das circunstâncias específicas para as quais foi produzido. Quando assumimos que o acontecimento do texto comporta todo o contexto sócio-histórico que é por ele convocado, surgem diversas consequências. Uma delas é a redefinição da textualidade como o conjunto de características que fazem um texto ser um texto, indo além de uma mera sequência de frases ou palavras. Beaugrande, em 1997, quando propôs uma mudança de foco da análise linguística-textual dos “fatores de textualidade” para as “estratégias de textualização” enfatizou a necessidade de vê-lo como um processo em constante evolução (Cavalcante *et al.* 2022). Por isso, é preciso destacar que a ironia, ao expressar algo e sugerir o contrário, deve ser analisada dentro do contexto completo do texto, pois o contraste é recuperado de forma contextual e inferencial.

O trabalho se organiza em mais duas seções, além da introdução e da conclusão: uma que coteja brevemente as abordagens teóricas do fenômeno; outra que, ao reafirmar os pressupostos da Linguística Textual, demonstra, a partir de exemplos de tecnotextos, a relevância de aspectos contextuais, interacionais, enunciativos e argumentativo-discursivos para tratar de ironia.

2. Diferentes olhares para o ato irônico

A ironia, frequentemente caracterizada pela oposição de sentidos, é um fenômeno complexo e multifacetado que sempre suscitou o interesse de diferentes abordagens teóricas. A definição clássica de ironia envolve a inversão semântica, como expresso por Muecke (1995), que destaca que a ironia ocorre quando há uma inversão de significado, permitindo que se diga uma coisa para significar outra. Se alguns autores contestam a ideia de que a “oposição de sentido” é o traço básico da ironia, é talvez porque tomam a oposição como um traço exclusivamente semântico, alegando que ela não se revela como um critério suficiente para explicar a criação e interpretação de enunciados irônicos (Pedro, 2018, p.22). Todavia, como assevera Gabriela Pedro, o objetivo do ironista é comunicar o oposto do que é convencionalmente expresso. Importa muito examinar que efeitos esse jogo de contraste surte nas interações, levando a conotações negativas que provocam constrangimento, mas também, às vezes, acrescentando ao sarcasmo uma pitada divertida e criativa.

Assim, a ironia pode encorajar a exclusão social, ou, ao contrário, ser uma forma de o locutor se blindar de acusações de agressão. Como afirmam Olympio e Grácio (2013, p. 453-455), de uma perspectiva retórica:

A ironia opera em prol da restauração do que era admitido, ou em prol da contenção do processo de ruptura que está prestes a se realizar no acordo outrora firmado (e, neste caso, o seu efeito é didático, pois o medo do ridículo e da desconsideração que dele advém podem, de alguma forma, reprimir o ímpeto de seguir adiante). Em qualquer caso importa notar que a ironia, mais do que da racionalidade lógica em sentido estrito, está ligada a uma racionalidade sociológica, na qual as matizes culturais e grupais são decisivas nos processos de inclusão e de exclusão social e, correlativamente, nos processos de adesão e de rejeição dos discursos. Por meio dessa figura retórica se diz o contrário do que se quer dar a entender, mas, embora a sua forma argumentativa seja indireta (a oposição argumentativa que ela estabelece é menos frontal), nem por isso a sua força de persuasão é menor. De fato, é sempre o *ethos* que ela coloca em causa e, com isso, a própria seriedade, ou seja, a credibilidade do discurso.

Nos estudos pragmáticos, Austin (1990) observava que a ironia produz efeitos perlocucionários, porque pode levar ao constrangimento, à ridicularização. Grice (1982), ao desenvolver a ideia de implicatura conversacional, já apontava a ironia como um ato indireto de fala, uma ruptura proposital a máximas conversacionais, quando o sentido pretendido não correspondia ao conteúdo proposicional do dito, para a obtenção de efeitos outros nas implicaturas conversacionais.

De acordo com Brown e Levinson (1987), o ato de fala irônico viola a máxima da qualidade, pois o locutor afirma aquilo que sabe não ser verdadeiro. Há, como se percebe, mesmo em propostas

teoricamente dessemelhantes, uma ideia consensual de que, na ironia, diz-se alguma coisa quando se quer dizer outra. Do ponto de vista sociológico, Goffman (2011) mostrava como a ironia, por sua natureza contraditória e ambígua, pode ameaçar a fachada, pois pode conduzir a uma interpretação equivocada ou ofensiva por parte do interlocutor.

Nas pesquisas sobre impolidez, Culpeper (2011) toma a ironia como um “princípio de segunda ordem”, que permite ao falante ser impolido quando parece ser polido” (p. 142). O que parece uma metaestratégia de polidez realiza-se, na verdade, como uma polidez não sincera, propositalmente impolida para persuadir o outro.

Na Teoria da Relevância, Sperber e Wilson (2005, p. 246) descrevem a ironia como uma estratégia comunicativa explicável, pragmática e cognitivamente, pela explicitação do “eco” das proposições que não são ditas. Os autores propõem que a ironia verbal seja descrita como um uso ecoico da linguagem, porque o que o locutor diz ecoa implicitamente outro enunciado, para expressar crítica ou ridicularizar.

No campo da análise dialógica dos discursos, Beth Brait (2008) propõe uma consideração da ironia relacionada ao cruzamento de discursos que atravessam um enunciado irônico. Mesmo que toque em fenômenos intertextuais, o foco da autora é seguramente o contraste dialógico de vozes, que denunciam formações discursivas distintas.

Pedro (2018) investigou, com apoio na linguística de corpus, possíveis marcações linguísticas da ironia e as sintetizou em um quadro que inclui perguntas retóricas, pontuação específica, uso de diminutivos, aspas, adjetivos em oposição contrastiva, hipérboles, interjeições, intensificadores/modificadores, repetições de letra e expressões de riso.

A autora chama a atenção para o fato de os elementos linguísticos nem sempre atestarem uma oposição de proposições, argumentando, com isso, que muito há de implicitude na interpretação dos sentidos irônicos. A observação só reforça nossa reivindicação de que a ironia (o dizer algo e dar a entender o oposto) precisa ser analisada no texto como um todo, porque o contraste é recuperado contextualmente, inferencialmente.

Wick-Pedro e Vale (2020, p. 9-11) discutem exemplos de indícios linguísticos de atos irônicos, como dadas perguntas retóricas, alguns empregos de diminutivos, de aspas, de adjetivos polarizantes e emprego de hipérboles e superlativos:

- (a) Aumentar impostos é fácil, né?
- (b) Estão preocupados com o coitadinho do Cunha.
- (c) O PMDB é um partido tão “pequeno” que não consegue ser medíocre!
- (d) Nossos políticos corruptos aceitam de bom grado, pois vivemos um momento extraordinário nesse país!!!
- (e) Belíssimo modelo de ética e moral dos vermelhos chupins.

Em (a), é o uso do “né” que identifica a pergunta retórica, por dispensar a necessidade de resposta, e é por essa interrogativa que o comentário pode se tornar irônico, segundo os autores. Mas os ecos de um sentido não convencional só se fazem sentir num contexto que os favoreça, evidentemente.

Por raciocínio semelhante, o emprego do diminutivo, que muitas vezes conota afeto e intimidade, pode atender a uma intencionalidade irônica, como no exemplo (b), de Wick-Pedro e Vale. Note-se que o diminutivo “coitadinho” dispara o sarcasmo.

Mas só o sufixo diminutivo não bastaria para isso. Como propõe Hutcheon (2000), a complexidade semântica que o aspecto linguístico gera não é suficiente para caracterizar um ato irônico: é preciso relacioná-lo a conhecimentos compartilhados e a uma possível intencionalidade crítica do locutor projetada pelo interpretador desse ato. O saber pré-discursivo (Paveau, 2006), neste exemplo, de que o político Cunha esteve ligado a casos de corrupção é absolutamente necessário, por isso.

A marca tipográfica das aspas também pode constituir um indício de uso irônico. Wick-Pedro e Vale exemplificam com (c): *O PMDB é um partido tão “pequeno” que não consegue ser medíocre!*, e explicam que as aspas em “pequeno” fazem destoar o significado do adjetivo em relação ao restante do enunciado, já que, pelos conhecimentos compartilhados da época, o PMDB era o maior partido do país. As aspas induzem, portanto, a uma outra conotação, já muito bem descrita por Authier-Revuz (2004), como uma marca de heterogeneidade enunciativa, uma modalização autonímica. A ironia sempre manifesta uma não coincidência do dizer.

Wick-Pedro e Vale ressaltam outras formas de indicar a ironia, como o emprego de “adjetivos com alto grau de polaridade, quando usados na mesma sentença”. Ilustram esse caso com o exemplo (d): “Nossos políticos corruptos aceitam de bom grado, pois vivemos um momento extraordinário nesse país!!!”, em que “corruptos” contrastam com “extraordinário” nesse contexto.

Destacam ainda os autores o emprego de hipérboles e de superlativos como disparadores de ironia, como no exemplo (e): “Belíssimo modelo de ética e moral dos vermelhos chupins”. Observe-se que o superlativo acentua o contraste dos sentidos em relação a “modelo de ética e moral”, fazendo emergir o sentido contrário.

Outros disparadores de ironia são mencionados pelos autores, como o uso de certas interjeições, as repetições de letras ou palavras, as maiúsculas, além dos marcadores de riso no meio digital, como “kkkkkk”, os emojis e os gifs.

Marques (2016) examina a transformação de marcas típicas da oralidade em recursos de práticas interacionais em ambientes digitais. Por apresentar variação no nível acústico, a entonação está associada principalmente à expressão oral, por isso costuma ser contemplada nas análises de interações na oralidade, atentando para o modo como são transcritas e para seus reflexos na escrituralidade.

A retextualização desses elementos de entonação na escrita, explica Marques (2016), inclui inúmeros recursos expressivos, tais como a reprodução do prolongamento fônico, a representação gráfica do riso, recursos de intensificação e a representação de gestos. Esses recursos, conhecidos

como metairônicos, são selecionados intencionalmente pelo ironista para orientar o público na identificação e inferência do sentido irônico. Quando acontecem no ambiente digital, outros tipos de reprodução do tom irônico se reciam.

Hutcheon (2000) sustenta que a ironia se desenrola como parte integrante do processo comunicativo, enfatizando, portanto, a necessidade premente de considerá-la nas dinâmicas entre intenções e interpretações. Dessa forma, a interpretação da ironia é significativamente influenciada pelo contexto, tornando-se essencial reconstruir as pistas deixadas durante a interação para flagrar o irônico no texto.

3. Por uma abordagem (con)textual da ironia

Para a Linguística Textual (LT), o contexto desempenha um papel crucial na interpretação da ironia, sendo imperativo reconstruir as pistas deixadas na interação para identificar sua presença. Para alcançar tal intento, a LT sugere ponderar sobre o texto contendo ironia observando todo o circuito comunicativo. Alguns autores de outras perspectivas teóricas são convidados para esse tipo de análise. Dentre eles, ressaltamos Linda Hutcheon (2000), que, sob o ponto de vista da crítica literária e das teorias da recepção, propõe que se privilegie o olhar do interpretador que reconhece a ironia no ato de linguagem. O termo “interpretador” foi escolhido pela autora para deixar patente que nem sempre quem capta a ironia é o interlocutor direto, porque, às vezes, ela é dirigida a um terceiro, a um participante indireto, ou mesmo a um sujeito ausente. O fato é que a ironia tem um alvo, para o qual o ironista aponta sua seta crítica. Ela envolve três participantes: aqueles que a utilizam, os que a compreendem e, finalmente, os que não conseguem captar suas nuances. Importante ressaltar que, para Hutcheon, a falta de compreensão da ironia não deve ser atribuída à “incompetência” do interpretador.

Assim, para falar em nossos termos, é preciso levar em conta o contrato estabelecido entre os participantes da comunicação, em que ocorre o circuito comunicativo que gera o texto. O pressuposto de Hutcheon de que um dos traços fundamentais da ironia é a intencionalidade do locutor faz muito sentido para a abordagem da LT. Sobretudo porque, segundo Hutcheon (2000), a intencionalidade do locutor é uma projeção feita pelo interpretador da ironia, o que converge para nossa concepção, baseada em Charaudeau (2008) de que só podemos tratar de “efeitos possíveis” na interpretação de um ato de linguagem. Além disso, a LT ressalta a necessidade de considerar como os pré-discursos são atualizados em cada contexto textual, o que se aproxima da hipótese de Hutcheon de que, sem ter em vista o contexto, não é possível interpretar bem o ato irônico.

Justificam-se, assim, os pontos de contato que enxergamos entre a descrição da ironia por Linda Hutcheon (2000) e a abordagem linguístico-textual, já que a autora reconhece como traços a serem analisados no ato irônico: a aresta crítica, a complexidade semântica, a intencionalidade atribuída, os conhecimentos compartilhados e os marcadores contextuais.

O termo “contexto” engloba o conjunto de suposições de fundo que guiam a interpretação, relacionando-se com a comunidade discursiva e o contexto circunstancial, textual e intertextual. O cenário situacional, o contexto sócio-histórico e os marcadores contextuais favorecem o enquadramento necessário para atribuir ironia, o que abrange também processos intertextuais estritos e amplos.

Como vemos, por muitas razões, a ironia não se enquadra na simples substituição antifrásica do não dito pelo seu oposto, como frequentemente é concebida. Em vez disso, como constata Hutcheon (2000), a ironia tem o poder de complexificar, sendo incapaz de desambiguar. A dificuldade em abordar a semântica da ironia separadamente da sintaxe, da pragmática, das circunstâncias textuais e contextuais, bem como de suas condições de uso e recepção, reflete a frustração associada a esse fenômeno (Plett, 1982, p. 76).

A ironia, segundo Hutcheon (2000), também pode excluir e humilhar, ou mesmo, ao contrário, criar “comunidades amigáveis”. No campo emocional, a autora destaca uma posição julgadora negativa por parte do realizador da ironia em relação ao seu alvo. Aqueles que recebem a ironia podem sentir desconforto e até mesmo humilhação ao não captarem a aresta crítica subjacente.

Para ilustrar essa complexidade, vejamos, inicialmente, esse texto retirado de um artigo de Conrado Hübner Mendes. Nesse contexto, o autor explora, de início, dois traços fundamentais da ironia: a oposição de sentido e o olhar superior. Conforme proposto por Mueke (1995), considerar a ironia envolve não apenas flagrar um sentido oposto, mas também atentar para todo o contexto interacional, em que um locutor, com sentimentos de certa “superioridade”, enuncia de uma posição de poder ou de conhecimento elevado.

Exemplo 1: Conrado Hübner Mendes

(Professor de direito constitucional da USP, e doutor em direito e ciência política e membro do Observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade – SBPC)

Generais não cometem crimes! Só resta ao governo apaziguar relações com os heróis da sobrevivência democrática.

Generais não cometem crimes. Nem contra humanos, nem contra a humanidade. Muito menos contra não humanos e o ambiente natural. Nem crimes contra criações filosóficas como o bem público.

Militares não praticam corrupção. Não enriquecem ilicitamente. Não estimulam filhas a ficarem solteiras para acumular aposentadorias vitalícias. Nem falseiam sua própria morte para que esposa receba pensão. Nem usufruem de apartamentos funcionais ilegalmente.[...]

Fonte: Folha de São Paulo. Edição 22.out.2023. Texto original: <https://is.gd/XYbTjN>

Dois traços básicos da ironia se revelam no exemplo: o sentido oposto e o olhar superior. Segundo Mueke (1995, p. 65), o locutor fica com sentimentos de superioridade, diverte-se e, simbolicamente, vê com um olhar do alto de uma posição de poder ou de conhecimento superior.

Conforme Alvarce (2009), o ironista pretende que o sentido seja apreendido pelo receptor da ironia, porém não imediatamente; ele almeja, ao contrário, que aquele a quem a ironia foi dirigida interprete as pistas que sugerem um discurso irônico, colaborando, por conseguinte, para a construção do sentido.

As pistas deixadas pela construção de sentidos no artigo do professor da USP, são muitas. Ao afirmar que “Generais não cometem crimes”, essa ironia é reforçada ao listar diversas ações moralmente questionáveis que são negadas de maneira enfática. As aspas são uma importante marcação porque induzem a uma outra conotação e expressam uma não coincidência do dizer (Authier-Revuz, 2004), uma marca de heterogeneidade enunciativa, uma modalização autonímica.

Ao dizer que os generais não cometem crimes “*nem contra humanos, nem contra a humanidade. Muito menos contra não humanos e o ambiente natural. Nem crimes contra criações filosóficas como o bem público*”, por exemplo, a ironia se estabelece pela aparente contradição entre essas negativas enfáticas e as acusações frequentes de envolvimento de militares em atividades controversas, como a tentativa de golpe de 08 de janeiro de 2023. O eco da oposição se faz ouvir na implicitude, como se o locutor-enunciador afirmasse: “estou dizendo isso para expressar o contrário, como uma denúncia”. Essa heterogeneidade enunciativa revela a ironia e sugere uma crítica às ações e posturas dos militares no cenário político.

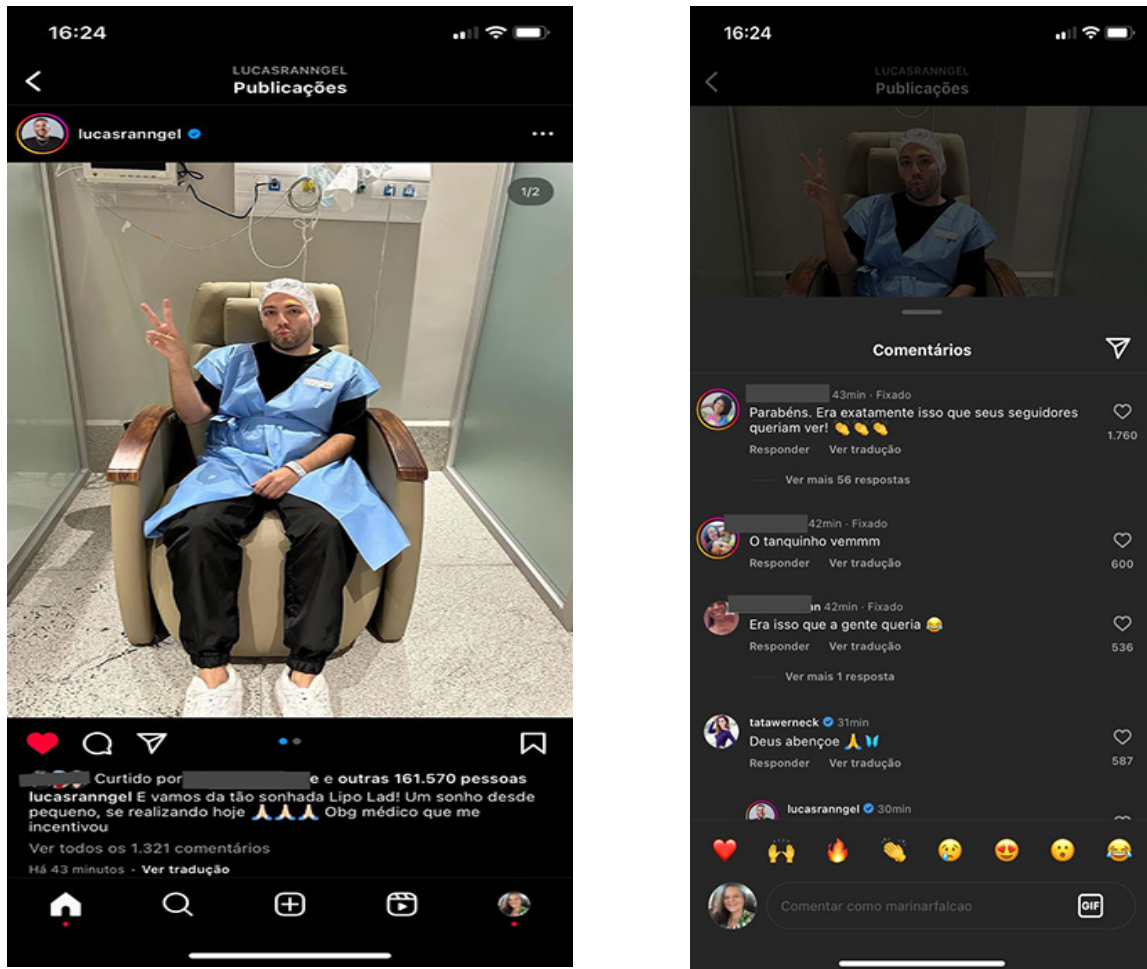
A afirmação de que “Militares não praticam corrupção. Não enriquecem ilicitamente” no texto apresenta uma construção irônica ao negar categoricamente comportamentos controversos atribuídos a generais. A ironia reside, mais uma vez, na contraposição entre as declarações de retidão moral e as críticas frequentes sobre o envolvimento de militares em situações questionáveis no governo da época. Essa utilização irônica visa provocar reflexão e destacar a disparidade entre a imagem idealizada que está sendo apresentada e as percepções negativas da sociedade em relação à conduta de alguns militares.

O cenário situacional, juntamente com o contexto sócio-histórico dos marcadores contextuais, contribuem significativamente para criar o enquadramento essencial que favorece a atribuição do ato irônico. Esse enquadramento abrange não apenas os elementos situacionais imediatos, mas também considera os processos intertextuais, tanto os estritos quanto os amplos. A interação entre esses diversos elementos possibilita a compreensão da ironia, uma vez que eles fornecem pistas e referências necessárias para interpretar a discrepância entre o discurso aparente e os sentidos subjacentes na declaração sobre os generais.

A ironia³, afirma Muecke (1995), pode desempenhar um papel de equilíbrio, suavizando situações levadas muito a sério, ou constranger, criticando quando a vida não é tratada com a devida seriedade. Isso se evidencia, por exemplo, na situação a seguir:

³ Como tomamos ironia não apenas por traços semânticos, mas sim, por um conjunto de aspectos textual-interacionais e discursivos, consideramos que o fenômeno da ironia, do ponto de vista linguístico-textual, que analisa todo o circuito comunicativo, será visto sob a condição de ser sarcástico, por isso, trataremos o fenômeno simplesmente como ironia.

Exemplo 2: A Lipo Lad de Lucas Rangel



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cy1QsCCOzu0/?igsh=em1sYWkxcDJiZHN6>

Lucas Rangel foi um dos pioneiros na produção de conteúdo para a internet no Brasil. Com sua preferência por entretenimentos, soma mais de 55 milhões de seguidores em todo o Brasil e no mundo. Apoia e incentiva novos criadores de conteúdo, por isso se tornou uma estrela da internet. Trata-se de um influencer conhecido por sua vida de grife, e por ajudar financeiramente seus seguidores. Nunca ligou muito para estética em geral, como lipoaspiração. Ao postar que fez uma lipo lad – lipoaspiração de alta definição –, recebeu inúmeros comentários sarcásticos, como estes: “era isso que a gente queria”; “o tanquinho vem”; “parabéns. Era exatamente isso que seus seguidores queriam ver!”

Os comentários dos usuários apresentam diversas marcas textuais que contribuem para a expressão da ironia em relação à decisão de Lucas Rangel de fazer uma lipoaspiração de alta definição (lipo lad). Vamos destacar algumas dessas marcas:

- Expressões como “era isso que a gente queria” e “o tanquinho vem” funcionam como locuções irônicas porque contrastam com o ponto de vista que ele dizia defender e com a imagem social que criou: de alguém que não se preocupa com questões de estética.

Todos os referentes manifestos verbal e imageticamente nos comentários dos seguidores apontam uma aresta crítica para a contradição entre o que diz e mostra a postagem inicial e a representação social criada por Lucas Rangel.

- A utilização de ponto de exclamação em frases como “era isso que a gente queria!” intensifica o teor irônico, sugerindo uma surpresa exagerada e um tom de deboche em relação à atitude de ligar para a estética. A ironia está presente no contraste entre essa imagem positiva e a decisão de realizar uma lipoaspiração, uma escolha que não condiz com a expectativa dos seguidores.
- A menção à lipo lad, uma lipoaspiração de alta definição, contribui para o contraste de imagem, pois é uma intervenção estética que pode parecer incompatível com a imagem autêntica que Lucas Rangel busca transmitir.
- Comentários, como “parabéns. Era exatamente isso que seus seguidores queriam ver!”, predica a intensidade do deboche.
- O uso de emojis específicos, como as palmas, a carinha de riso etc. são comuns em contextos digitais. O uso desses elementos foi utilizado para expressar sarcasmo, reforçando ainda mais as reações irônicas dos seguidores.

Diante dessas considerações, reiteramos que, em Linguística Textual, levamos em conta não apenas os traços semânticos da ironia, mas também os aspectos textual-interacionais e discursivos que permeiam todo o circuito comunicativo. Essa escolha visa evitar redundâncias e compreender a ironia sob a condição de, interacional e discursivamente, comportar traços de sarcasmo.

É fácil entender por que, na perspectiva da Nova Retórica, a ironia é analisada como um argumento pelo ridículo, sendo associada à transgressão de regras aceitas e utilizada como uma forma de condenação de comportamentos considerados inadequados. A ironia pode funcionar como um processo de inclusão ou exclusão, provocando confrontos de valores cujo desfecho é incerto, dependendo das matrizes culturais e grupais, podendo levar a processos de adesão ou rejeição dos discursos.

Vista sob o prisma da microsociologia, a ironia, de acordo com Goffman (2011), proporciona uma desresponsabilização do locutor, impedindo que os participantes se responsabilizem mutuamente pelo entendimento. Goffman observa que a ironia permite que nenhum dos participantes seja capaz de responsabilizar o outro pelo que foi entendido. Isso sugere que, ao utilizar a ironia, o locutor pode evitar assumir responsabilidade direta pelo significado expresso, criando um espaço no qual as interpretações podem variar, o que pode ser particularmente útil em contextos sociais delicados.

No terceiro exemplo intitulado “Psicanálise e o genocídio”, deparamo-nos com um texto irônico extraído do perfil do Twitter/X @direitasiqueira, autodenominado um perfil de paródia. Observe-se que só o leitor sabedor da contextualização histórica e do fato de se tratar de um perfil todo montado sobre a ironia pode interpretar o alcance da crítica.

Exemplo 3: Psicanálise e o genocídio

Fonte: https://twitter.com/search?q=coronel%20siqueira&src=typed_query

A publicação alega: “A Nathália Pasternak se horroriza com a psicanálise e não se horroriza com um genocídio?” Para captar o tom sarcástico do texto, o leitor precisaria resgatar, no mínimo, três informações cruciais.

Primeiramente, é necessário conhecer quem é Nathália Pasternak, uma microbiologista e divulgadora científica que desempenhou um papel destacado na defesa da vacina contra a Covid-19 durante a pandemia. Em segundo lugar, é preciso ter conhecimento de que ela causou polêmica ao descrever a psicanálise como “uma pseudociência” em seu livro mais recente, em coautoria com Carlos Orsi. Em terceiro lugar, o leitor deve estar a par de um manifesto⁴ atualmente divulgado, no qual empresários, executivos, pesquisadores e artistas assinaram um abaixo-assinado contra a decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em apoiar a petição da África do Sul, que acusa Israel de genocídio.

Esta petição busca investigar “atos e medidas que possam constituir genocídio ou crimes relacionados” e pede o cessar-fogo imediato de Israel na Faixa de Gaza. Entre as 119 personalidades que endossaram o manifesto estão a ex-ministra do Supremo Tribunal Federal Ellen Gracie, o empresário e economista Roberto Giannetti da Fonseca, o presidente da Suzano, Walter Schalka, o CEO de O Boticário, Artur Grynbaum, o CEO na Natura, Fábio Colletti Barbosa, o presidente do conselho do Hospital Albert Einstein, Claudio Lottenberg, o presidente do Google Brasil, Fábio Coelho, o cientista político Christian Lohbauer, a atriz Bruna Lombardi e a microbiologista Natália Pasternak.

As alusões realizadas na postagem de @direitasiqueira são pistas deixadas para que se compreenda a ironia do texto, evidenciando a aresta crítica que se estabelece entre a microbiologista que expressa horror diante da psicanálise e, aparentemente, não demonstra o mesmo horror diante da perda de vidas em Gaza.

Ao questionar por que Nathália Pasternak se horroriza com a psicanálise, mas não se sensibiliza com um genocídio, o locutor estabelece um contraste extremo, sugerindo uma aparente contradição nas preocupações da microbiologista. O próprio @direitasiqueira se autodenomina como um perfil de paródia, indicando que suas postagens devem ser interpretadas com uma lente de alcance para a ironia. Essa autorreferência reforça o caráter satírico do conteúdo.

⁴ <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/empresarios-lancam-peticao-contra-apoio-do-governo-lula-a-investigacao-de-israel-por-genocidio/>.

A pergunta retórica sugere a ironia e faz o leitor inferir que se trata de uma declaração crítica de quem se indigna com a falta de empatia em relação ao genocídio. O autor utiliza esse recurso de forma exagerada, pois não espera que o leitor acredite genuinamente que ela não se incomode com os fatos.

O tom sarcástico é amplificado quanto mais o interlocutor recorrer a conhecimentos pré-discursivos sobre quem é Nathália Pasternak e sobre qual foi seu papel como defensora da vacina contra a Covid-19. A identidade social construída em torno da pesquisadora entra em choque com sua crítica à psicanálise como “pseudociência”.

Segundo Plett (1982), a ironia geralmente requer algo que sirva como um contexto propício, algo que sugira um enquadramento. Contudo, a complexidade reside no fato de que esse elemento contextualizador pode variar entre diferentes interpretadores e até mesmo inexistir para alguns. A probabilidade de uma ironia ser interpretada corretamente como tal aumenta significativamente com a presença de uma aceitação mútua de convenções de sinalização, facilitando assim a interpretação do ato irônico.

4. Conclusão

A ironia, muitas vezes, está enraizada em contextos específicos, como evidenciado nos exemplos analisados. Seja nas interações digitais, como o texto de Marques (2016), seja em postagens parodísticas de redes sociais, como o caso de @direitasiqueira, o entendimento da ironia demanda uma apreciação sensível das nuances contextuais e do conhecimento compartilhado. A análise de elementos como a construção referencial, as marcas intertextuais, como alusões, a pontuação e os emojis auxilia no reconhecimento do ato irônico pelo interpretador, mas tais marcações, por si mesmas, não poderiam assegurar a existência da ironia. Eis por que Hutcheon (2000) defende que o ato irônico só pode ser visto em contexto. Nos termos da Linguística Textual, dissemos, em Cavalcante, Brito e Faria (2023), que a ironia requer, no mínimo, que, no circuito comunicativo em que ela ocorre, o interpretador atribua ao locutor-enunciador uma intencionalidade sarcástica, gerando uma aresta crítica; que exista um alvo a quem ela é dirigida (quer seja o interlocutor ou não); que se infira a relação com conhecimentos compartilhados no contexto; e que haja uma complexidade referencial favorecendo uma oposição de sentidos, o que pode ser atestado por inúmeras manifestações tecnolinguageiras, não somente por marcas estritamente linguísticas.

Assim, a ironia se mostra como uma estratégia interativa e persuasiva para influenciar o outro. Ao empregar a ironia, o locutor pode tentar, inicialmente, minar a credibilidade do adversário e desestabilizar suas convicções, como evidenciado nos exemplos analisados.

Sua presença em diversas esferas, cotidianas ou não, ressalta a necessidade de ela continuar sendo explorada e observada na tecnodiscursividade, em que a comunicação se torna cada vez mais dinâmica. A ironia persiste como uma ferramenta poderosa, capaz de desafiar, criticar e, muitas vezes, pôr sutilmente à mostra o que se oculta.

Agradecimento

CNPq / FUNCAP

Referências

- ALAVARCE, C. S. *A ironia e suas refrações*: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p. ISBN 978-85- 7983-025-9. Available from SciELO Books.
- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo M. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. pp. 11-80
- BEAUGRANDE, R. *Linguística textual*: para novas margens?. REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v. 10, n. 1, pp. 43-60, 1997.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* *Linguística Textual*: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes, 2022.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; FARIA, Maria da Graça dos Santos. *Atos linguageiros de ironia sarcástica*: considerações argumentativas em linguística textual. Revista da Anpoll, v. 54, n. 1, e1900, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1900>.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Reflexões para a análise da violência verbal*. Revista Desenredo, v. 15, n. 3, 2019.
- COSTA VAL, M.G. *Texto, textualidade e textualização*. Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação. São Paulo: UNESP, pp. 113-128, 2004.
- CULPEPER, J. *Impoliteness using language to cause offense*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011. 292 p.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais* / 11. ed. - São Paulo: Ática, 2009
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação*: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis – RJ: Vozes, [1967] 2011.
- GRICE, P. H. *Lógica e conversação*. Trad João W. Geraldí. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística* (vol. IV): Pragmática - problemas, críticas, perspectivas da linguística. Campinas: UNICAMP, 1982.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos. *Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias*. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MUECKE, David. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

OLÍMPIO, M.; GRÁCIO, R. A. Já estais saciados! A figura retórico-argumentativa da ironia no corpus paulinum. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. 2, pp. 447-474, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. *Les prédiscours: sens, mémoire, cognition*. Presses Sorbonne Nouvelle, 2006.

PEDRO, Gabriela Wick. *ComentCorpus: identificação e pistas linguísticas para detecção de ironia no português do Brasil*. Dissertação (mestrado). 95p. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

PLETT, H. F. Ironie als stilrhetorisches paradigma. *Ars semiotica* 4/5. v. 1, pp. 75-89, 1982.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. Blackwell. 1990.

WICK-PEDRO, G.; VALE, O. A. *ComentCorpus: description and analysis of irony in a corpus of opinion for brazilian portuguese*. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 1, n. 2, pp. 01-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id207>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/207>. Acesso em: 22 jan. 2024.